

Pro Vimarane

ADMINISTRADOR:
AURELIO DE BARROS MARTINS
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA 31 DE JANEIRO, 42 — GUIMARÃES

DIRETOR:
J. SILVA
SECRETARIO DA REDACÇÃO:
JOÃO S. S. RIBEIRO

PROPRIEDADE DO GRUPO PRO VIMARANE

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA LUZITANIA
RUA CHAVANON MOLARENHO, 45 — GUIMARÃES

EMBORA tardiamente, vimos apresentar a todos os nossos illustres assinantes, o cartão de Boas Festas, agourando-lhes um novo ano de prosperidades.

1923... Mais um... O que será? E' mais um dos muitos e variados pontos de interrogação que constantemente se nos deparam na vida. Mas... — vá lá um mas — temos um intimo pressentimento, a dizer-nos, que no ano agora a entrar alguma coisa de util se fará para a nossa terra.

Oxalá que os Vimaraneenses olhem com mais carinho e amor, para este torrão abençoado, fazendo dele aqui a que realmente tem direito.

APARECEU um novo jornal republicano — «A Razão» —. Cumprimentamos os novos colegas que nele trabalham desejando-lhes para o seu jornal uma longa vida.

HONRA-SE hoje o «Pro Vimarane» publicando uma poesia do distintissimo poeta da Raça Antonio Correia de Oliveira, que transcrevemos do seu recente livro *Pro Nosso, Alegre Vinho, Azeite da Candieira*.

Antonio Correia de Oliveira faz parte de uma pleiade distintissima de novos, que cantam as belezas da nossa terra tam linda, na compreensão exata e sincera dos seus deveres nacionalistas — cristãos, das suas almas impregnadas de um intenso lirismo, despertando o sentimento patriótico dos portugueses para um futuro mais belo, e mais grandioso que será o Portugal de amanhã.

REAPARECE na segunda quinzena de Janeiro, o semanario integralista «Gil Vicente», órgão da Junta Municipal Integralista desta cidade.

RECEBEMOS e agradecemos os seguintes jornaes: «Foz do Lima» — Semanario Monarquico de Viana do Castelo — magnificamente colaborado e em formato moderno, que honra a sua terra e a imprensa da Provincia.

«Jornal de Lanhoso» — Da Povoia de Lanhoso — agradecemos-lhe as palavras de referencia com que nos honrou.

«A Brisa» — Quinzenario sportivo literario da cidade do Porto — Que apresenta uma primorosa colaboração.

«Defeza» — Quinzenario defensor da Classe Caixeiral da mesma cidade.

«A Razão» — Semanario Republicano independente da nossa terra.

A todos agradecemos a permuta.

O que virá?

Estamos entrados no fim do ano. Já a neve veio tapeitar com a alvura do seu manto os caminhos agrestes da armagurada terra de Portugal e já os espiritos *adivinhos* se entreteem a decifrar nas entrelinhas do *Seringador* ou *Borda de Agua* as promessas e as surpresas que trará o novo ano sem se importarem do *Deus Super Omnia* do reportorial artigo de fundo.

Depois, cada qual e a seu modo, vai fazendo prognosticos sobre o futuro, chegando a uma conclusão tal, tantos e tam variados se nos apresentam, que dão a impressão de estarmos gozando o espectáculo maravilhoso e fantastico de uma nova torre de Babel, de muito maiores dimensões que a primitiva.

Porém, é a regra geral de todas as coisas, muito embora o tempo vá caminhando por entre alegrias e maldições, por entre sorrisos e lagrimas, insensível a tudo, desdenhando de tudo, esmagando num terrivel turbilhão, que é a sua mão inexoravel, todos os prognosticos, todas as esperanças, todas as desdidas e todas as desventuras.

Depois, surgem as desilusões para uns, a tristeza para muitos, a alegria para um certo numero, e a cavalgada para o desconhecido inicia-se, mais intensa, numa ancia enorme de se chegar a uma *meta hipotese*, que ninguem viu, que ninguem conhece, que ninguem sabe onde ficará, caminhando ao acaso, sem um plano preconcebido, sem uma orientação definida. E os obstaculos surgem, uns após outros, mais ameaçadores, numa ancia terrivel de aniquilamento, num desejo desenfreado de chacina, numa vontade indomavel, num apetite insatisfeito, como se tudo fôsse uma bacanal imensa de luxuria e prostituição.

E a cavalgada lá vai seguindo, a caminho não se sabe de que, embrenhando-se em extensas florestas onde as feras rugem, sem nunca atingir essa *meta hipotese* que a fantasia criou á sua imagem e semelhança.

E é isto o Tempo

VII AFLOR.

INSCRIÇÃO

Homens, voltae a Deus. Filhos da Terra,
Perdendo a alma em lóbrega distancia,
Voltae á Mãe de eterno amor e infancia.
Voltae á paz cristã, depois da guerra.

Sobre as azas do sol, poison, na serra,
A clara Primavera: Estancia á estancia,
Clamando vem os hinos da abundancia,
Em cada flôr que as pétalas descerra.

Passos de Heroe, embebam se na leiva.
Lagrimas, não! Mais sangue, não! — A Seiva
Córra em diluvios. Cante se a caminho...

Resae! Arao! — «Mal vae, se em Portugal
Não ha trez cheias antes do Natal»:
Não de agua: mas de Azeite, Pão e Vinho.

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA.

ORFEON do Porto — E' um pouco inoportuna esta noticia, mas como temos bem gravada na memoria o que foi a recepção que a rapaziada do nosso Orfeon lhe promoveu, não queremos deixar de aludir, embora vagamente, ao assunto.

Guimarães mostrou mais uma vez a esse magnifico conjunto de rapazes que da Invicta aqui vieram cantar, o quanto sabe ser hospitaleira e carinhosa.

E' uma nota caracteristica do nosso povo, em que as damas *apambaram* o maior quilhão — e por isso honra-lhes seja.

O espectáculo foi magnifico, deixando belamente impressionada a assistência.

Seja-nos licito porém salientar do seu repertorio escolhido, a «Canção de Guerra» e «Negra Sombra» que bem honram, pela maneira como foram cantadas, o seu inspirado regente. Parabens.

PARTICIPAM-NOS os srs. Bernardino Almeida e A. Augusto Costa, que se constituíram em sociedade, destinada ao commercio de modas e miudezas.

O seu estabelecimento sito na antiga Feira do Leite, honra-os e honra a cidade onde se estabeleceram.

São dois rapazes amigos, de meritos incontestaveis e de bom gosto, merecedores dum futuro feliz, que muito, do coração lhes desejamos.

POR todo o paiz se tem realizado congressos provinciais, onde o regionalismo se expande e vai creando vulto.

Coube agora a vez ao Minho, onde Guimarães está integrado e onde os vimaraneenses tem um importante papel a desempenhar.

Ha assuntos que sobremaneira nos interessam, e que naturalmente vão ser tratados com a competencia e bairrismo daquellas pessoas a quem foi enviada a circular da camara municipal que noutro logar publicamos.

NOTAS da Administração: Novamente voltamos a pedir desculpa aos nossos assinantes, de não publicarmos o nosso jornal na altura devida, porque motivos extranhos á nossa vontade, assim no-lo exigiram.

— Insistimos tambem no pedido, feito já em numeros anteriores, aos estimaveis assinantes para que não deixem de pagar os recibos em cobrança, com o que concorrem para a vida deste jornal, de contrario não poderá subsistir.

O recibo no valor de dois escudos, refere se aos 12 numeros, a que toem direito todos os assinantes.

Cantares

a F. C.

Como s'ria mais trigueira,
entre o branco das boninas,
a Senhora da Oliveira,
de mãos postas, pequeninas!

Tem risos, francos, leais,
têus lábios cor de cereja,
que até a lua, lá no céu,
se deixa morrer d'inveja.

Olhos negros, de tristeza,
que tanta pena causais,
porque sois assim tão tristes,
que tanta pena me dais?!

MARIA C...

MINIATURAS

UM CASO VULGAR...

*Contaram-no os jornaes.
Um pobre rapaz de 25 anos,
vendo se trahido no seu amor,
consagrado a uma mulher que
julgava leal, disparou um revolver
em pleno coração.*

*Não estranhemos. E' um caso
de todos os dias. O que seria
de estranhar era que os rapazes
creassem mais juizo e fossem
menos ingenuos, e as mulheres
fossem mais firmes nos seus
amores.*

*De resto, é mais um que vai
ser pasto da terra, e mais outra
que vai arranjar outro, talvez
para lhe fazer o mesmo.*

Valia realmente a pena!

*Se ao menos estes exemplos
servissem de alguma coisa!*

*Mas não! se de cada vez os
tolos são mais, o numero das
cabecinhas de vento ha muito
tempo que é infinito.*

Guimarães.

RUY DE LANCASTRE.

O Futuro

A maior fortuna que podemos ter, é ignorar o nosso destino. E' ser duas vezes desgraçado o conhecer com antecedencia o mal que nos deve sobrevir; e impossivel será deixar de abandonar á dor, e á tristeza, dias sobre os quais nenhum direito ainda podemos ter — Pensais vós, diz Cícero, que teria sido vantajoso a Cresso, o qual gozava de tantas riquezas, adivinhar que um dia pereceria com seu filho além do Eufrates, depois da completa derrota de todo o seu exercito, e que o seu corpo seria tratado com a maior indignidade pelos seus inimigos! Em que agonias terão Cesar, e Pompeio passado a vida; que alegria poderiam ter, de

UMA FANTASIA

que os homens teem tornado
:: numa dura realidade ::

R's almas tristes das mulheres que choram...

I

Havia muitos anos já que meus olhos a não viam. No seu tempo de criança era alegre e franca, e tinha sempre sorrisos para todos os rapazes da sua idade. Muito branca e limpa, olhos azuis, cabelo sobre um castanho-negro, a alegre Matilde brincava sempre, ria muito, e as suas palavras, infinitamente doces pois eram simples e expressivas prendiam o coração das pessoas que tinham a felicidade de com ela conviver...

Tinha então Matilde 17 anos. Esguia, muito direita, passeava a cidade calçando umas chinelinhas de verniz, muito decotadas, deixando ver os pés lavados, pequeninos, e bem feitos, que eram mesmo um primor...

Matilde era extremamente adora vel... Falava a todos a todos sorria e os seus lábios, muito vermelhos, nunca deixaram de brincar aqueles rizes tam próprios da sua alma despreendida. E ela era infinitamente linda, meiga como um terno olhar de criança, alegre como a mocidade...

Como todas as raparigas da sua idade, Matilde tinha também o seu rapaz — um official do exercito ha pouco saído da Escola de Guerra.

— Matilde! — disse-lhe — quando for o dia do teu casamento hei-de dar-te uma prenda prenda de que muito has-de gostar. Sorriu se... subindo lhe ás faces um lindo vermelho que lhe fez brilhar muito mais aqueles olhos azuis ternos esperancosos...

Matilde contou-me então que o seu eleito lhe havia jurado amor eterno. Que era pobre; e portanto, conhecendo a sua situação passada, jurara a si mesmo escolher uma mulher pobre para sua noiva. Se estava naquella posição o devia á sua intelligência e ao seu muito amor ao estudo. E Matilde, sorrindo sempre, sempre cheia de graça e de esperança, despreendeu-se de mim com um grande abraço, desaparecendo por entre as ondas de povo, que se acotovellava no Campo da Feira, a saborear as iluminações caprichosas e as barracas garridas das quinquelharias.

Desde então para cá — agosto de 907 — nunca mais vi Matilde... Perguntava a mim mesmo o que teria sido feito dela, da Matilde, que tantos e tam felizes momentos me dispensara com as gargalhadas cristalinas da sua alma sempre aberta á alegria e ao affecto...

Vai isto há quinze anos...

II

Numa destas manhãs de Dezembro, cheio de nevoeiro e de uma chuva miudinha a picar-nos as faces,

haverem feito tantas e tão belas acções, se no meio de suas vitórias, e de seus triunfos, se offerecesse a seus olhos a imagem de suas desgraças? Que a um se antolhasse que deveria ser assas-

puz-me a caminho da igreja da Sé. Sete horas... Acabavam de bater no sino do relógio — visinho muito íntimo, quasi irmão ou noivo da pequenina Garrida, que já ha muitos anos não ouço — e com que saudades... — as suas rizadas lá do alto do seu castelo — quebrando o silêncio da cidade que começava a movimentar-se de povo das fábricas.

Entro na igreja, ainda iluminada, e ajoelho deante da Imagem da Padroeira da minha Terra dessa formosa Virgem que a lenda e a Tradição trazem ligada á historia da velha Guimarães. Uns leves raios de luz entram pelas janelas, lá no alto, acompanhando os fieis, muito agasalhados, que vão chegando ao repicar santo do sino da Senhora para a missa das oito horas.

Na minha frente ajoelham se muitos fieis, e entre eles uma mulher mal vestida cabelos a cairem em desalinho sôbre os ombros. Tem frio... Uma criança senta-se a seu lado.

Cá fora no largo fronteiro, mesmo perto do Padrão, aguardo a saídas dos fieis. A minha curiosidade aumentava. A medida que eles saiam fitava uns, dando os bons dias a outros cujo fim era ver aquella pobre mulher, que tão duramente expunha ás asperezas destas manhãs de Dezembro um ser tam pequenino uma criança de pouco mais de dois anos.

— Não a vejo! disse mentalmente. E encaminhei-me para casa, muito aconchegada escondendo os lábios do ar cortante da manhã. Quasi mesmo ao dobrar da esquina da rua de Val-de-Denas eis que atravessa a desgraçada com a criança deitada nos braços.

Ao passar por mim, vi que ela quiz voltar para traz mas já era tarde. Parada na minha frente, ia para se ajoelhar quando reconheci nela Matilde?!

Abafei na garganta um grito de dor e de desespero.

Matilde! Matilde! Que é feito de ti, da tua beleza, da tua mocidade?!

— Tudo perdi! Velha aos trinta e dois anos, começou a minha vida de miseria naquela noite de Agosto, — lembra-se? — quando então eu sonhava e ria...

Uma corrente de lagrimas banhou suas faces pálidas, que ainda tinham uns leves traços de beleza dos seus tempos de sonho...

E contou-me a sua história. Toda de lagrimas e de aventuras, toda ela foi cheia de heroismo e de amor... Naquella noite o joven official seduzia-a para, passado um mês, a abandonar.

Continua.

MARIA CLARA.

sinado sobre as plagas do Egipto; e ao outro, que o seria no meio do mesmo senado, e ambos ás mãos daqueles que lhes deviam toda a sua fortuna!

Congresso do Minho

III

A Comissão Executiva da Camara Municipal de Guimarães, por intermedio do seu digno presidente, enviou a diferentes individualidades vimaranenses a seguinte circular:

«A Camara Municipal de Guimarães chamada a colaborar nos trabalhos preparatorios do Congresso do Minho, cumpre um dever levando esse convite até junto daqueles vimaranenses que pelas afirmações do seu talento e da illustração do seu espirito, superiormente podem elevar na grande assembleia do projectado Congresso o conceito civico e intellectual do velho velho burgo que foi berço da nacionalidade.

E' certo que um doentio senso critico afirma a inefficacia destes congressos regionais — tantos são os seus votos sem positividade. Contudo, cumpre acentuar: que todos os renascimentos colectivos surgem sempre da fogueira das ideias e do agregado das suas vontades. A obra dos congressos regionais se tantas vezes se finam em meros torneios de retorica, deixam, ainda assim, que deles se tire este corolario dignificador e salvador:

— *A Provincia, carçada e farta de ludibrio, quer agir para mais futuro, para mais vida!*

E se esta é a exacta lição que se colhe desses parlamentos provinciais convocados para a defeza duma região em especial e da patria comum em geral, certamente estes congressos teem assegurado aquella simpatia e aquella solidariedade necessarias a toda a causa de rehabilitação nacional.

Não se tratando, pois, duma acção que vise a um regionalismo dissolvente ou absorvente; tendo-se apenas em vista agir para um futuro de mais perfeita comunhão social e de mais equilibrada uidade patriótica, certamente a voz dos arautos deste movimento será acolhida por todos os homens bons e de valia dispostos e retraídos — dispersão e retraimento que, nesta causa *sem diferenciações de credos*, seria mais que deploravel, criminosa!

Em nome, portanto, dos melhores destinos da terra portuguesa, tentemos em plano de conjunt a acção regionalista, colaborand, com sciencia e consciencia, nos trabalhos do Congresso do Minho.

O seu programa que será o programa da *causa publica* interessa e diz respeito a todas as modalidades do vasto problema social, adentro do espirito nacionalista e das necessidades e aspirações da região minhota.

Honre, pois, V. Ex^a a sua e nossa terra, levando ao seio da magna assembleia o subsidio de alguma tese ou estudo, convergente ao fim do engrandecimento e melhor êxito da patriótica iniciativa, lançada pela Camara Municipal na sede do distrito.

Saude e Fraternidade — Guimarães, 20 de Dezembro de 1922. — O Presidente, A. L. de Carvalho.»

Um só preceito de moral faz as vezes de todos: «Não faças, nem digas nunca, o que não desejares que todo o mundo veja e saiba.»

Sigamos a virtude, e não teremos que queixar-nos da fortuna.

Dois Livros

DE
Manoel Boaventura

«Timóteo o penitente»

E' o desfiar de uma lenda encantada.

Prende o amor um dia duas almas na comunhão de um affecto, e a vida, na agrura de sempre, leva ao desenlace da separação e encaminha para o martirio da dor as duas almas esperançosas que viveram em sentimento de enlevo, docemente beijadas de sonhos lindos.

Depois a penitencia e o sacrificio para o resgate das culpas, já num outro viver de resas e eremitério. E a lenda como o desfiar de todas as lendas tem um final de castigo amoroso que é por Deus ditado a esses dois penitentes, um dia, quando ambos se encontram ante o seu justicar supremo.

E são condenados á ventura de tornar á terra, para uma vida nova de prazeres e de amor, mais útil, mais feliz e de encantos sorridentes ao lar da vida onde da vida se cuida e do trabalho se vive.

Termina bem e é bem encaminhada esta novela do Sr. Boaventura.

Linguagem simples, despretençiosa, muito lavada e fresca, descrevendo com encanto o encanto da lenda.

—Vocabulário Minhoto—II volume.

E' conhecido o escritor M. Boaventura como um investigador consciencioso e paciente da linguagem popular.

Este segundo volume do seu Vocabulário vem sobejamente afirmar que de facto o seu nome vale nestes estudos aturados de pesquisa, de observação e de recolha.

O interesse pela linguagem popular ha poucos anos se firmou, e foi seguindo desde que as vantagens se reconheceram, verificando-se conjuntamente que a lingua melhor se maneja e mais se ductilisa quanto mais os termos populares se espalhem, criteriosamente é claro, numa frescura de renovo por entre a riqueza já adquirida do nosso idioma.

O seu Vocabulário Minhoto contém contenaes de termos, a mor parte deles desconhecidos, e que devem por isso figurar, uma vez observados e estudados, ao longo das colunas dos modernos dictionarios portugueses.

Encarecer da vantagem destas recolhidas seria um estímulo, um incitamento e um despertar de curiosidade, quando mais não fosse, mas custa prègar no árido deserto da indiferença, porquanto estas pequeninas coisas só valem para quem lhes ligar interesse e vir nelas o encanto e o sabor que as distingue e o utilitario fim a que são destinadas.

De resto, com certo numero de gente não merece a pena perder laticem nem gastar cera.

As obras valem para quem valem. E' perdoar este desabafo. Eu cá me entendo.

Pela agradável lembrança e pelas palavras da oferta muito agradecido.

A. V. BRAGA.

“RECORDANDO...”

Um monumento... projecto

Se percorrermos as numerosas paginas da nossa prestigiosa literatura e remontarmos aquele seculo longinquo que marca o periodo do seu esplendor máximo iremos encontrar entre a pleiade dos escritores illustres o nome aureolado de Gil Vicente. Na invocação de sua figura recordando a nascença do teatro nacional constituído anteriormente pelas representações nas igrejas, transformadas, desta maneira, em verdadeiros centros de divertimento publico. Mas desde que a igreja era e é um templo sagrado, inspirador de respeito e onde todos somos rastados pelo fervor duma crença, conclue-se que essas representações repugnavam ao espirito de civilização do nosso povo que a todos os instantes pedia a demolição desse teatro cheio de banalidade e desnacionalismo. Gil Vicente satisfiz uma aspiração nacional. Consolidou uma vontade colectiva. Dera o ser ao teatro nacional.

Toda a nação lhe prestou uma homenagem lendo e relendo as suas obras mas toda a nação o esqueceu. Como os mortos esquecem depressal. E hoje que se encontra mais ou menos debatida a questão relativa a sua naturalidade e que a maior parte das opiniões se inclinam para que seja a inclita e rebuscada cidade de Guimarães a terra natal do *Plauto Português*, eu, filho da mesma terra, sinto apoderar-se de mim uma profunda tristeza ao ver que esta fidalga e laboriosa cidade injustamente esqueceu um dos seus filhos mais illustres.

Eu não quero traçar o perfil literario de Gil Vicente pois todos o conhecem de sobejo. Quero, sim que a sua figura e a sua obra sejam retratadas no espelho mediocre da

actualidade para que todos os vimaranenses vejam o crime que cometem se não levantarem uma pedra sequer como comemoração da nascença do teatro nacional.

Eu quero que a cidade de Guimarães mostre a toda a nação que o nome de Gil Vicente não se encontra mergulhado e esquecido entre as ruínas do então. Esta tradicionalista cidade não deve nem pode de maneira alguma esquecer aqueles que, sendo seus filhos, teem o seu nome gravado a letras de ouro nas paginas da historia ou da literatura. Guimarães tem obrigação de mostrar e provar que não é apenas a cidade dos *projectos sem execução*. Tem a cumprir o dever de legar ás gerações vindouras o *tributo de admiração e homenagem* que uma cidade inteira prestou a quem que fora o fundador do teatro português. Não deve, não pode esquecer Gil Vicente. Esquecer é morrer. Podem dizer-me que Guimarães já consagrou a sua perpetua recordação a Gil Vicente dando o seu nome a uma rua e um teatro—assim chamado por condescendencia—desta cidade. Mas isso é pouco. Gil Vicente merece mais, muito mais. Guimarães bem o compreende tanto que já lançou a publico a ideia da ericção de um monumento. Porque não põe em pratica essa ideia altiva e nobre? Recordemos Gil Vicente. Mostremos a toda a nação o valor da sua obra. E Guimarães orgulhosa por ter visto nascer o fundador do teatro português tinha e tem obrigação de proclamar bem alto o seu orgulho. De que maneira? Recordando e não esquecendo. Levantando um monumento, uma estatua que seja a consagração duma inteira literatura dramatica. X.

UM APÊLO

A lapide-monumento que e-tá sendo esculpida numa rocha da serra da Penha, é uma homenagem da cidade e concelho de Guimarães. Contribuir para glorificar o notavel feito dos dous egregios aviadores é honrar a Patria, é servir a terra onde vivemos. A todos se dirige o nosso apêlo. Para todos quantos nos ajudem voí o nosso reconhecimento. — A Comissão.

Subscrição no Concelho de Guimarães para esculpir numa rocha da serra da Penha uma lapide monumento em homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral sob o patrocinio das corporações e estabelecimentos de ensino desta cidade.

Lista n.º 20 a cargo do «Pro Vimarane» — J. Silva, 2\$50; «Pro Vimarane», 2\$50; João S. S. Ribeiro, 1\$00; A. B. M., 1\$00; Bernardino Faria Martins, 2\$50; Alvaro Ferra, 10\$00; Manoel Alves de Oliveira, 1\$50; Luiz Ribeiro de Faria, 2\$50; Augusto Faria, 2\$50; Simão Pinheiro, 2\$50; Anonimo, 1\$50; Luiz Filipe G. Coelho, 1\$00; Alber-

CASAMENTO

Senhora nova, bonita, bordando muito bem, mas sem melhores predicados, deseja consorciar-se com cavalheiro distinto embora parvo, mas de grande fortuna.

Quem não estiver nas condições, escusa de perder tempo.

Carta á Redacção a M. M.

A' ULTIMA HORA

D. Afonso está seriamente agraviado com a mudança que a nossa camara tenta fazer nos lampiões, estranhando bastante que só agora acordassem. Mas «mais vale tarde do que nunca» portanto vamos a ver o que os nossos homenzinhos fazem. Diz ainda—Quando será que o nosso povo,—gente honrada e laboriosa se dispõe a pôr isto nos eixos? Oh! mocidade, reagir! Homens de amanhã, pra frente é o caminho!

Ribeiro Pinheiro, 1\$00; Oscar Baptista, 1\$00; Americo Ferreira, 1\$00; Cipriano Baptista Guimarães, 1\$00; Casimiro Teixeira, 1\$00; Domingos Ramos Pinheiro, 1\$00; e João Pires, 1\$00. (Continua.)

EDITAL

JOSÉ MARIA GOMEA ALVES, chefe da secretaria da Camara Municipal de Guimarães:

Faço saber, nos termos e para os efeitos dos artigos 11.º do Código Eleitoral e 1.º da Lei n.º 294 de 20 de Janeiro de 1915, que o periodo para a inscrição no recenseamento politico no proximo ano de 1923 começará no dia 2 de Janeiro e terminará em 28 de Fevereiro proximo, podendo inscrever-se como eleitores, além dos que ficam do anterior recenseamento por terem a capacidade eleitoral exigida pela Lei, todos os cidadãos do sexo masculino, maiores de 21 anos ou que completarem essa idade até 8 de Julho de 1923, que estejam no gozo dos seus direitos civis e politicos, saibam ler e escrever portugues, e residam no territorio da Republica Portuguesa.

Os requerimentos para a inscrição no recenseamento deverão mencionar a filiação, estado, profissão, naturalidade, dia do nascimento dos requerentes e local onde foi feito o respectivo registro e, ou ter a letra e assinatura reconhecida por notario, ou ser escritos e assinados perante o presidente da Junta de freguesia das suas residencias e dous eleitores da mesma freguesia.

Juntarão aos seus requerimentos:

1.º—Certidão de idade nas condições legais ordinarias ou conforme o modelo n.º 3.

2.º—Atestado de residencia, conforme o modelo n.º 4, passado pela Junta de freguesia ou regedor que prove que o requerente reside ha mais de 6 meses na freguesia por onde requer a inscrição.

Os requerimentos e documentos são todos isentos do imposto do selo e de quaisquer emolumentos ou salarios, desde que sejam somente passados e aproveitados para fim eleitoral.

Guimarães, 23 de Dezembro de 1922.

O Chefe da Secretaria,

José Maria Gomes Alves.

GRALHAS?... — O leitor conhece as. Aves de rapina que fazem dos jornaes campo de acção. Negras, muito negras, tam negras como a propria tinta de impressão, são o mais terrivel flagelo que nos assedia com os seus assaltos traiçoeiros, alterando o sentido do que se escreve, trocando palavras e letras, enfim, uma verdadeira praga a juntar ás sete do Egito.

O nosso ultimo numero era um chuveliro. O leitor que no-las desculpe... assim como nós tambem já as desculpamos aos srs. tipografos.

Tipografia Luxitania

João Pereira da Costa

Rua do Gravador Molalinho, 45

Guimarães

Estabelecimento modelar onde, com a máxima brevidade, se executam todas as obras concernentes à arte tipográfica.

PAPELARIA, TABACOS, COMISSÕES E SEGUROS DA COMPANHIA ATLAS

NOVA PADARIARua Elias Garcia, 63
(Antiga de Santa Maria)

GUIMARÃES

Luiza Candida Lemos Almeida

Fabrico de pão borda, bizon e rosca. Pão ralado

CASA DAS NOVIDADESRibeiro, Pinto & C.^{ta}

107, Rua da Republica — 107

GUIMARÃES

LIVRARIA, PAPELARIA, TABACARIA, PERFUMARIAS E MIUDEZAS

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO.

Selas, letras e mais valores selados. Músicas para Piano.

Casa Editora de Obras Católicas, Medalhas, Terços, Oleografias e outros artigos de piedade.

FERREIRA & MARTINS

Limitada

86, Rua de Paio Galvão, 86

GUIMARÃES

Mercearia de 1.^a qualidade. Vinhos finos das melhores marcas, doces e bolachas.

Depositarios dos Refrigerantes, Xaropes e Licores do Bom Jesus de Braga.

A TENTADORABernardino Almeida & Costa, L.^{da}120, RUA DA REPUBLICA, 122 e 122-A
GUIMARÃES.

Fazendas brancas, modas e miudezas.

Camisaria, gravataria e perfumaria.

Especialidade em bordados de Guimarães.

Sempre Novidades.

Alfaiateria DE

Casimiro Gonçalves Ribeiro

RUA D. JOÃO I.^o N.^o 119 — GUIMARÃES.

Nesta alfaiateria executam-se pelos ultimos figurinos toda a obra para homem e criança, garantindo-se a elegancia do corte e o seu perfeito acabamento.

MERCEARIA**CONFETARIA**

26, RUA 31 DE JANEIRO, 28

Completo sortido de todos os artigos referentes ao seu comercio.

Representantes dos afamados vinhos de RODRIGUES PINTO, Gaia

Vinhos Ferreirinha ao preço da tabela

CASA PENHORISTA VIMARANENSE

Emprestimos Sobre Valores

PEIXOTO, ROCHA & C.^a

RUA DA REPUBLICA — GUIMARÃES

CAFÉ DELICIA

A' venda na CONFIANÇA, unica casa que tem esta deliciosa bebida.

A' RUA PAIO GALVÃO, 88

GUIMARÃES.

EXPERIMENTEM O CAFÉ DELICIA!

PRO VIMARANENSE

Este belecimento DE FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS.

*

TECIDOS PROPIOS PARA A

Estação de Inverno

*

Antonio de Araujo Salgado

Rua 31 de Janeiro Guimarães

CASA BARBOSA

MARIO QUEIROZ

Rua da Republica, 132

GUIMARÃES

ESPECIALIDADE EM CHÁ E CAFÉ

Deposito de vinhos gazosos de Anadia, de Lucien Beisecker, da especial manteiga Plor da Citania, de Paços de Ferreira, e do afamado café Gonçalves Costa, de Lisboa.

Farmacia Alves Mendes

SUCESSOR

LARGO PRIOR DO CRATO, 41

GUIMARÃES

Proprietario:

Manuel Perreira Martins

Farmacéutico licenciado pela Faculdade de Farmacia da Universidade do Porto

Aviamento cemerado de todo o re- ceituário, com produtos qui- iicos de toda a confiança. Especialidades farmaceuticas nacionaes e estrangeiras. Analises e esterelizações.

CASA DUARTE

LANIFICIOS

Tecidos de algodão nacional e estrangeiros

ARTIGOS DA MODA

União da Companhia de Seguros

«Indemnizadora»

Rua 31 de Janeiro, 33 a 37

GUIMARÃES